

## Press-release



Ontem realizou-se pelas 17h, nas instalações da Vivacidade espaço criativo o encontro com o editor Paulo Samuel, sob o tema do “O Livro e o Leitor”.

Começando com uma introdução à caracterização e ao papel do livro ao longo dos tempos, Paulo Samuel apresentou alguns exemplares de obras dos séculos

XVI, XVII, XVIII até aos dias de hoje, para ilustrar a ideia de que, para além dos conteúdos, desde cedo houve cuidados de impressão e de edição, perfeitamente actuais, como a qualidade do papel, a selecção e variedade de tipos ou caracteres tipográficos, a mancha de texto, a impressão a cor, a inclusão de elementos figurativos (iluminuras) para embelezamento ou ilustração.

Algumas obras actuais e de séculos passados revelam o livro também como objecto, que pode ter uma elaboração manufacturada, que passa pelas páginas que servem de suporte ao texto até ao requinte de gravação da capas, papéis especiais de guardas, a inclusão de elementos em metal ou tecido, que não são de modo algum familiares ao leitor contemporâneo. Por exemplo, uma edição recente da *Mensagem* de Fernando Pessoa, foi apresentada à audiência como modelo de uma combinação rara e feliz, entre o livro de referência e o livro-objecto, pois sendo editado tal qual a primeira edição (com impressão tipográfica, a chumbo, própria da época), surge agora com elementos artísticos e de valorização acrescida, como a serigrafia que acompanha a edição, da pintora Cynthia Guimarães Taveira

Questionado sobre o futuro do livro tal como o conhecemos face a outros tipos de suporte, Paulo Samuel disse acreditar na perenidade do livro em suporte de papel e revelou maior preocupação pela situação do Leitor, num universo editorial poderosamente condicionado por outros factores que não apenas a importância literária ou referencial dos livros que são publicados. Referiu que há mecanismos de distribuição e princípios de gestão que privilegiam, por exemplo, a redução dos custos de edição e de produção, em detrimento de cuidados editoriais. O que se reflecte directamente numa produção tendencialmente pré-formatada, normativa e de acordo com cânones de êxito comercial, numa vertiginosa escala de títulos, a que a redução dos espaços nas livrarias não consegue face. Por outro lado, as próprias Livrarias

(sobretudo de redes livresas, os centros comerciais) estão mais interessadas nos livros de rotação imediata e que surgem publicitados com grandes campanhas de marketing do que na selecção de obras de referência, de poesia, de literatura clássica, da área social e humanística entres outras.

Como exemplo, Paulo Samuel lembrou o receio e o pudor que manifestavam os autores do passado, inclusive na sua correspondência com editores e amigos, quanto ao facto de escreverem um livro e ao valor duma nova obra sua no mercado livreiro, comparando com a situação actual e com a facilidade como se publicam hoje em dia títulos sem qualidade literária, conhecimentos e bagagem cultural, alguns até sem serem escritos pelos autores que lhes dão nome. Ou a publicação de obras aparentemente relacionadas com a esfera religiosa e do sagrado, mas que se resumem à categoria de livros de medíocre divulgação de lugares-comuns, de “auto-ajuda” e pseudo-esoterismos, sem qualquer ligação às fontes eruditas e tradicionais a que pretensamente reportam.

Paulo Samuel forneceu um indicador para se aquilatar a dinâmica cultural relacionada com a edição do livro nos nossos dias, sugerindo que se compare o universo da crítica literária e até polémica de outros tempos entre leitores e admiradores de Eça e de Camilo, lendo e discutindo um e outro autor, produzindo um incontável número de leituras, abordagens e textos críticos publicados em jornais, revistas ou em livros, ao longo de muitos anos, e o que se passa hoje em dia, em relação aos autores de sucesso, que acredita não resistirão (com as suas obras) à passagem dos anos, também por causa da falta desse movimento de leitura crítica e interessada, pois a dominante actual é sobretudo a da fruição lúdica.

Neste contexto, o lançamento de novos autores, aos quais se deveria exigir padrões de qualidade textual e de criação literária ou a reedição de clássicos – uma das marcas culturais das editoras portuguesas, pequenas ou grandes, até algumas décadas atrás – fica gravemente comprometido pela ausência de critérios de análise crítica e pela sobreposição dos resultados comerciais sobre os critérios editoriais.

Como estes assuntos são como as cerejas e o tempo é sempre escasso, Paulo Samuel terminou, deixando ainda por referir alguns aspectos que considera relevantes, como o papel do Leitor nas opções de planificação editorial, prometendo regressar à Vivacidade numa próxima oportunidade.

Porto, 25 de Setembro de 2009

A Direcção,  
Adelaide Pereira

**Morada:** Rual Alves Redol, 364 – B, 4050-042 Porto  
**Tel.:** 220937093 **Fax:** 220937092  
**Email:** geral@vivacidade.pt  
**Site:** www.vivacidade.pt